



BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE

PROJETO MEMÓRIA ORAL

ADIB GERALDO JABUR

Hoje, 16 de janeiro de 2009, a Biblioteca Mário de Andrade registra o depoimento do advogado Doutor Adib Geraldo Jabur para o Projeto Memória Oral da instituição, iniciativa esta que vem sendo desenvolvida com o objetivo de resgatar a história da Mário de Andrade de uma forma matizada, através de narrativas orais dos seus mais diferentes protagonistas, antigos funcionários, diretores, colaboradores, pesquisadores, artistas e intelectuais. Na direção de captação audiovisual deste registro, Sérgio Teichner e na condução do depoimento, Ana Elisa Antunes Viviani.

AE: Doutor Geraldo, bom dia.

AJ: Bom dia.

AE: Eu gostaria de iniciar este depoimento solicitando que o senhor nos contasse como foi o seu primeiro contato com a Biblioteca Mário de Andrade, que impacto e impressões ela lhe causou.

AJ: Eu explico. Eu nasci em Jaú e eu tinha três sonhos. E, lógico, como jovem que busca realizá-los, eu imaginei que pudesse concretizá-los. O primeiro – eu havia sido batizado em 1935, na Igreja da Penha, como católico que sou até hoje, apesar de respeitar todas as crenças. Nasci corintiano. E eu costumo diferenciar: corintiano é do ventre, o resto se adapta. E tinha um sonho maior de ingressar na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Era difícil porque nós só tínhamos três: a

PUC¹ de Campinas, a PUC de São Paulo, e as Arcadas, isso em 1953. Antes eu fiz o Arquidiocesano, já me preparando para enfrentar a cidade grande, porque ela assusta. E depois fui morar numa pensão na Rua Maestro Cardim. Aí surgiu um problema. E aí, graças a Deus, ao grande Arquiteto do Universo, a nossa Biblioteca Municipal Mário de Andrade. Por quê? No quarto que eu morava, moravam o quintoanista Almino Afonso, que viria a ser Ministro do Trabalho, Deputado Federal, Vice-Governador, e o Ítalo Policaro, que era estudante de engenharia e que havia estudado comigo no Arquidiocesano, e os horários eram diferentes. Eu sempre me acostumei a estudar pelas manhãs e pelas madrugadas. Aí eu disse: “Qual vai ser a minha saída, eu não tendo parentes que possam me dar essas condições de me avançar nos estudos?” Aí eu me defrontei pela vez primeira com a Biblioteca, lógico que, assustado também com a grandiosidade do prédio, pois me parece que tirando a Biblioteca de Washington a nossa é a primeira do mundo. Eu digo no condicional porque não tenho tanto conhecimento, mas por informações que ela seria a segunda. E eu comecei a frequentá-la. De princípio de forma acanhada, assustado, caipira de Jaú, de onde eu sou oriundo, e fui me apercebendo que tudo aquilo que eu podia aprender, me desenvolver, estava nela. Então começou a bater a necessidade cultural: aprimoramento, conhecimentos novos. Mas os problemas, paralelamente, começaram a surgir. Naquela época você não podia levar livros para fora e você tinha que obedecer rigidamente os horários que ela impunha. Então eu procurava aproveitar todo horário disponível que eu tinha de acordo com o horário da Biblioteca. Mas aos sábado eu vinha ávido por ler, para prosseguir na minha preparação para o vestibular. E fechava, se não me engano, à meia-noite. E eu sempre fui uma pessoa fácil, dada a fazer amizades, principalmente com os mais necessitados. Isso foi um lema da minha carreira e do qual eu não me arrependo. E aí fiquei conhecendo o porteiro. E o que acontecia? Nessa mesma lanchonete em frente à Biblioteca, eu levava o meu Bauru e o meu Guaraná Antarctica para ele. E depois de um certo relacionamento – porque você não mede se a pessoa é honesta, se é sincera, na primeira vista. Há até um provérbio árabe que diz o seguinte: o árabe costuma dizer que conhece a pessoa primeiro pela aparência e ao final, ao se

¹ Pontifícia Universidade Católica



despedir, pelo conteúdo, porque aí ele erra menos. E eu fui fazendo amizade com esse porteiro, com medo de conversar com outros funcionários, responder com um não, interromper. E aí ele foi me permitindo que eu levasse os livros, ou que começava de ler, ou que eu estava no meio da leitura, para casa, para que, no domingo, pelo menos durante o dia, pudesse continuar a lê-los e trazê-los invariavelmente às oito horas da manhã para que ele recolocasse no lugar devido. E aí fui tomando de amor essa amizade. Se a memória não me trai, foi até mais ou menos 1970, porque Deus o chamou precocemente. E aí nascia uma outra vontade: de um dia poder ter um escritório em frente à Biblioteca. Isso eu pude concretizar em julho de 1995, depois de verificar se a linha telefônica era a mesma – era 258, hoje é 3258 – e feliz por me ver em ruas duplas com passagem para diversos lugares. E também com facilidade para aquisição de garagens. No dia 31 de julho de 1995 eu inaugurei o conjunto 601 e adquiri 12 garagens para que o meu pessoal, além de não pagar, tivesse facilidade para entrar, sair, e mais uma outra atrás do fórum. E me tornei síndico. E desde lá eu sou síndico. Fiz diversos melhoramentos no prédio. Em 2001, conforme a foto ilustra, eu comprei o lado de cá, que era de um médico. Então saiu do meu padrão clássico, como é o conjunto 601. E aqui fiquei e não pretendo sair mais. Em 2001, quando aqui inaugurei, eu fui levado para o Instituto dos Advogados de São Paulo. E para você entrar – porque é o selo de qualidade, fundado em 1884 pelo Barão de Ramalho. Eu não imaginava a grandiosidade intelectual desse Instituto, sem qualquer diferenciação, sem procurar diminuir qualquer colega, porque para você ser admitido você tem que apresentar três trabalhos inéditos e que só passam a ser conhecidos depois do crivo do Instituto. Eu os apresentei, fui aprovado e a recepção coube aos professores Miguel Reale e Esther de Figueiredo Ferraz. E o professor Miguel Reale, até perto da morte dele, que aconteceu no ano passado, eu tinha contato. Era uma aula maravilhosa. Era amigo também da Regina Reale, que era a irmã dele – morreu solteira. Então eu pude verificar o quão importante foi para mim, e gostaria que eu fosse para outro jovem, a passagem pela Biblioteca Municipal Mário de Andrade. E para culminar, ao entrar no Instituto dos Advogados, me deram um livro sobre o Barão de Ramalho. Ao lê-lo, eu constatei que o Barão de Ramalho havia nascido na casa anterior ao



prédio; vivido e morrido aqui. Então agora estou como síndico, já coloquei o retrato, formalizando aquelas providências obrigatórias para que de Edifício Estamparia se transforme em Condomínio Edifício Barão de Ramalho, que é mais uma homenagem que presto para aquele que em vida foi um advogado, um grande professor de Direito, um grande político, e, como vocês, um grande educador.

AE: Doutor Geraldo, retomando um pouquinho o seu contato com a Biblioteca, então o senhor veio se preparar para o vestibular para poder entrar na Faculdade de Direito...

AJ: Eu vim concluir os meus preparativos para fazer o exame em fevereiro de 1954 quando consegui entrar pela vez primeira e nos primeiros lugares. Então foi ali que eu tive a solidificação.

AE: O senhor se recorda dos livros que o senhor teve que estudar, se o senhor conseguia encontrá-los com facilidade na Biblioteca?

AJ: Especialmente os livros: gramática, se não me engano Laudelindo Freire, se não me engano, e a parte... o português na época era dividido em gramática e os autores de renome. A começar pelos brasileiros Machado de Assis, Eça de Queirós, português, Guilherme de Almeida, Fagundes Varela, Rui Barbosa. Eu passei a frequentar a Casa do Rui Barbosa no Rio de Janeiro por influência da Biblioteca. Ela está sediada na Rua São Clemente, no bairro do Botafogo. Então esses autores portugueses e brasileiros eu me defrontava com eles aqui. E não tinha condição econômica para adquiri-los, entendeu? Esse fascínio nasceu daí.

AE: E nas outras áreas o senhor tinha facilidade de encontrar?

AJ: Eu fiz francês na Aliança Francesa, que ainda é na Rua General Jardim, inglês no Yázigi, na Rua Líbero Badaró, ao lado do Othon Palace, e fiz latim com um professor italiano, pai do Ênio Pecci, que durante muito tempo conduziu o jornalismo



da Globo. Então, com esses ensinamentos, eu pude, além de outros paralelos. Eu gostaria que se registrasse, independentemente da Biblioteca, que meu pai teve a cabeça de me fazer fazer curso de datilografia, oratória com o Professor Ademir Ramos, para que eu perdesse a inibição e aperfeiçoasse a minha dicção, e, principalmente, curso de defesa pessoal. E eu me lembro bem, não é da época de vocês, mas antes da existência da Avenida 23 de Maio, havia ali um teatro chamado Teatro de Alumínio, e você subia para o Largo São Francisco. E dois veteranos me disseram: “Você vai lá no Teatro de Alumínio e vai colocar palitinho de lá debaixo até lá em cima.” Eu disse: “Isso é impossível. Eu não vou conseguir fazer isso. Eu até me submeto...” Me desculpe a frase que eu vou ter que usar. Havia na Faculdade, hoje eu não sei mais, a prova da caçapa. Os veteranos colocavam o seu membro e jogavam a bola que, obrigatoriamente, batia no membro e podia ou não machucar. Falei: “Até isso eu me submeto, mas eu não tenho condição de colocar palitinhos daqui até lá. Como é que eu vou me desvencilhar dos carros?” Eles disseram: “Então você vai apanhar.” Eu falei: “Tudo bem. Vou apanhar, mas vou procurar me defender”. E a pessoa que faz defesa pessoal encosta num poste, numa parede, num carro para desferir o golpe. Aí eu fui verificando onde eu poderia me encostar para dar um golpe no primeiro que chegasse. Não teve dúvida. Eu me encostei e o primeiro que veio eu dei o golpe e aí eles saíram. O que aconteceu? Repercutiu tanto na Faculdade que no ano seguinte eu fui nomeado Presidente da Comissão de Trote porque acharam que eu era um calouro vigoroso e que sabia se defender. E, veja, sendo Presidente da Comissão de Trote, eu tive duas passagens difíceis. Nós fazíamos os trotes nos calouros do Largo São Francisco até onde é a Votorantim. E havia o bonde Três Avenida que fazia a volta no Mappim. Então nós íamos fazer o trote e ao mesmo tempo pedir dinheiro, porque nem todo mundo tinha disponibilidade. Aí eu vi um aluno com eczema, sangrando. Aí o que eu fiz? Eu o tirei – para você ver como Deus, o grande Arquiteto te protege – e falei para ele: “Olha, aqui tem uns trocados, você some, porque eu não vou dar trote nessas condições.” Nós tínhamos uma lei que quem tivesse 26 anos completos não era troteado. E um falsificou a certidão de nascimento. Falsificou, nós constatamos que ele não tinha e o que fizemos? Nós o colocamos de cueca dentro do pátio. Muito



bem. Aí uma estudante denunciou. Ninguém disse quem era, quem é que eles pegaram? O Presidente da Comissão de Trote. Tudo bem. E formaram uma comissão com três professores: Miguel Reale, Ataliba Nogueira e Basileu Garcia. Eu, durante os meus estudos, frequentava a casa da dona Constança Rao, que tinha um defeito físico, era católica e o irmão padre. E o meu melhor colega da Faculdade de Direito era o Cícero Fernando Annunziata, que está vivo – estivemos juntos há poucos dias, e que me levava lá. E ela, então, o que fazia: “Como você tem bons relacionamentos, me vende esses números de rifas.” Eu ia na [Rua] 25 de Março, porque meu pai era comerciante em Jaú, e vendia. E quando estourou o processo, ela tinha me contado que o professor Ataliba Nogueira tinha entrado pela porta dos fundos, talvez sem concurso, ou com alguma influência. Eu falei: “Olha, dona Constança, eu vou ser processado e quem vai me examinar em primeiro lugar é o Professor Ataliba Nogueira.” “Você está autorizado a pedir a ele para falar comigo antes de começar a te inquirir.” “Tá bom.” Aí eu me apresentei e disse: “Olha, Professor, como aqui é a escola da Liberdade, e acho que o senhor vai me permitir fazer a prova de que sou inocente.” Eu sabia o nome dos colegas que haviam deixado o rapaz com cueca, mas aprendi na Faculdade que o pior crime é a delação. Ele disse: “O que o senhor quer dizer?”. “Se o senhor me acompanhar no primeiro ano, eu vou mostrar ao senhor que eu não sou um monstro.” Aí fomos. Eu entrei na sala e disse: “Olha, na segunda fileira, aquele jovem, fui eu que tirei do trote”. Ele levantou e falou: “Pai, foi o veterano Geraldo Jabur que me tirou”. Chamava-se, porque faleceu há pouco, o maior tributarista do Brasil, Geraldo Ataliba. Aí eu desarmeiei o pai, mas com elegância. Aí, na volta para a Congregação, eu disse: “E tem mais, professor, eu frequento a casa da dona Constança Rao.” “Como? Você vai fazer o que lá?” “Eu vou assistir missa, almoço, janto, vendo rifas para ela.” E ele achou que eu estava mentindo. Liga para ela e ela diz: “Mas o que o Jaburzinho está fazendo aí?”. Já tinha combinado. “Ele está sendo processado? O quê? Ataliba, o que é isso? Ele não é aluno para ser processado”. Ele falou: “Não tenho mais perguntas.” Bom, me desvencilhei do primeiro. Veio o Miguel Reale. O Miguel Reale tinha duas irmãs que moravam atrás da casa dos Matarazzo na Rua Sílvia, na Paulista. Uma era viúva e a Regina, que morreu solteira. E nós tínhamos a



turma do violão e íamos na casa dela tocar violão, saíamos, íamos a bailes. Falei: “Regina, estou precisando de você.” “O que houve?” “O teu irmão vai me examinar amanhã às 11 horas.” “Mas o que é?” “Colocamos um calouro de cueca no pátio.” Ela falou: “Fala para ele ligar para mim às 11 horas.” “Tá bom.” Quando foi 11 horas, eu falei: “Olha, professor, eu frequento a casa das suas irmãs.” “Mas como? E o nome delas?” “Sílvia e Regina”. Achando que eu estava mentindo, ele liga. Ele mandou que a secretária ligasse: “Olha, o que o Jabur está fazendo aí?” “Ele frequenta nossa casa. Saímos. Já tínhamos ido a Poços nos carnavais. Turminha...”. Ele falou: “Então eu não tenho perguntas, o senhor já está livre” Bom, faltava o Basileu Garcia, que era um líder católico extremado. E eu, em 19..., acho que um pouco antes, eu tinha escrito uma monografia sobre o divórcio e havia levado a ele para examiná-la. E ele me disse: “Estou lembrando do nome do senhor. O senhor não é aquele aluno que entrou na Academia de Letras dos alunos com essa monografia e que eu examinei?” Eu falei: “Sou, professor”. Ele falou: “Mas pelos conceitos ali emitidos, eu acho que a acusação não deve prosperar. O senhor está dispensado com os meus cumprimentos”. E não delatei ninguém, e aprendi que não se delata. O que aconteceu posteriormente? Nós tínhamos três partidos políticos: o Partido Libertador era o dos grã-fininhos, o Partido Independente, o partido dos comunistas, e o Partido Renovador, que era o meu, era de centro. E as eleições eram difíceis porque quem não queria ser Presidente do Centro Acadêmico XI de Agosto? Qualquer um. É como ser Presidente do Corinthians, que é o quarto cargo. Na hierarquia: Presidente da República, Governador do Estado, Prefeito e Presidente do Corinthians. Quem sentar naquela cadeira está imortalizado perante trinta milhões de brasileiros. Aí um aluno formou-se, e que hoje está falecido – eu não vou declarar o nome, porque foi covarde –, acusa três colegas. E eles são suspensos e perdem o ano. Aí nossa turma deliberou: “Aquele está excluído da turma” E eles mesmos, voltando em 1959, fazem parte da turma. E agora, nos cinquenta anos de formado, nas festividades, a Congregação nos recebeu, a Ordem dos Advogados nos recebeu, aqueles que estavam vivos e que fizeram parte conosco. Então eu fui aprendendo a criar e a definir a minha personalidade. E também em 1954, no ano que eu entrei, morreu o Getúlio. Eu fazia parte de uma



caravana que ia ao Catete para exigir a renúncia do Getúlio. Fomos lá na Breda e eram 34 lugares. E quando estávamos no caminho houve o anúncio de que ele havia morrido, mas não se sabia se através de suicídio ou assassinato. Quer dizer, o nome ficou gravado. Por exemplo, a extinta CMTC², ela era quem conduzia os transportes coletivos e era na Líbero Badaró a Câmara Municipal. Nós íamos lá e impedíamos aumento. Não tinha aumento porque os vereadores tinham medo da nossa coragem. Paralelamente, durante 12 anos eu servi a Favela do Vergueiro, que hoje tem os prédios do Klabin com 12 mil almas. Um jovem advogado, no meu caso, um médico jovem, um dentista e uma professora. Então a gente procurava fazer de tudo, desde o campo social, educacional: um cano para água, um telefone, construí um local para fazer casamento, batizado, festinhas. E isso me deu, em 1987, a medalha e o diploma Medalha Anchieta, pela Câmara Municipal, proposta pelo Dalmo Pessoa que eu havia ajudado a eleger como vereador. Então foram fatos que foram se interligando.

AE: Doutor Geraldo, antes de entrar... eu queria depois entrar mais um pouquinho sobre sua vivência na Faculdade de Direito, mas voltando um pouquinho à questão da Biblioteca, o senhor chegou a frequentar que período de tempo? Foram anos? Como foi isso?

AJ: Normalmente sábados, da hora que abria até a hora que fechava, com lanches. Então chegava a ficar mais de 12 horas. Às vezes dava uma volta. Quando digo ficar, entrava, saía. Durante a semana, todas as noites, das 18 horas à meia-noite. Feriados, o dia todo, desde que ela estivesse aberta. E o maior número possível. O que eu me lembro bem, de colegas: “Pô, você... de ferro. Nós vamos passear. Por que você não vem?” Eu preferia ficar; alguns deles não entraram.

E eu iniciei uma carreira solo no dia 26 de novembro de 1960 depois de ter passado sete anos pelo escritório do Álvaro Raya, porque dia 26 de novembro é o dia em que a minha mãe faz aniversário. Lá, a mesma coisa na foto. Então, nas minhas grandes datas – minha filha casou-se no dia 26 – eu procuro homenagear a

² Companhia Municipal de Transporte Coletivo



minha mãe que eu não consigo esquecer. Então, a Biblioteca, naquele período, de 1953 até fevereiro de 1954, quando os exames se realizaram, a ajuda foi total, porque eu me sentia feliz em procurar uma obra, encontrá-la, manuseá-la, anotá-la, para formar um determinado cabedal.

AE: E o senhor chegou a fazer alguma amizade, participava? Porque a Biblioteca teve vários grupos de pessoas que iam para debater ideias.

AJ: Eu fiz amizade com alguns que eu não saberia dizer se estão vivos ou não. Por exemplo, Paulo de Azevedo Marques, que foi meu presidente do Centro Acadêmico XI de Agosto. Ele era goiano e veio para cá, então tinha um problema mais ou menos idêntico. Lembro-me bem do Paulo. Ele estava um ano na minha frente mas ainda vinha estudar aqui. Então tinha alguns colegas, moças, que talvez seguiram o mesmo caminho pelas mesmas dificuldades encontradas, porque o grande problema – hoje eu não sei como está, você pode responder mais do que eu – é do governo brasileiro, seja municipal, estadual ou federal não dar à educação a proporção que ela merece. Quando a pessoa me pergunta: “Doutor, o que o senhor acha da liberdade?” Eu digo: “Mas você está falando em termos de constituição federal, que é o direito de ir e vir?” Para mim é pouco. Liberdade se restringe a cinco letras: S, A, B, E, R., SABER. Quem tem o saber independe de ser rico, de ser pobre, branco, negro, judeu, árabe ou italiano. Então, essas cinco letras, pelo menos para mim, foram e continuam sendo significativas. E onde que você aumenta o saber? Numa biblioteca. Qual é a biblioteca? A de todos os tempos em São Paulo é essa. Agora me parece que vocês estão abrindo regionais, não sei. Ou é só essa?

AE: Não, é só essa.

AJ: Só essa?

AE: Não, tem as bibliotecas do Sistema Municipal de Bibliotecas, que são outras.



AJ: Mas, de qualquer maneira, abrange a educação e o saber. Mas como essa... talvez não vá existir outra, pelo menos em termos de América do Sul.

AE: E a Biblioteca, também nesse momento, realizava vários cursos e palestras no auditório. O senhor chegou a participar de alguma? Ou assistir alguma?

AJ: Eu assisti Guilherme de Almeida, Paulo Bonfim. O grande problema na vida – você é mais jovem, me permita que eu diga – é que tem determinadas pessoas, tanto do sexo masculino, quanto do sexo feminino, que marcam. Então essas, que me vêm logo à baila, por um motivo ou outro, ou por amizade ou por competência, marcaram. Então, hoje eu sei qual foi meu melhor amigo e colega de Jaú, Francisco Geraldo Lorenzon, qual foi o melhor colega de Faculdade, Cícero Fernando Nundiá, qual foi o melhor colega de Arquidiocesano, Boris Resek, qual foi o único advogado com quem eu trabalhei, Aldo Raya, cujo irmão é o Silvano Raya, o maior operador de fígado da América do Sul. Corinthians, a mesma coisa. Então são personalidades que te marcam. E aí você lembra facilmente dos nomes. Agora, às vezes, por ter assistido outras palestras mas não de pessoas tão significativas... ah, da Lygia Fagundes Telles que era, na época, esposa do meu professor de Introdução das Ciências do Direito, Godofredo da Silva Telles, que morava exatamente atrás de vocês, morava na São Luis, e é uma escritora viva, de quem eu sou fã. Posso até contar um detalhe – acho que não vai me comprometer. A grande paixão do professor Godofredo da Silva Telles, que está vivo, era e continua sendo a escritora Lygia. Por que eles se separaram, os lados pessoais a gente não conhece. Muito bem. E ele é meio gago. E ele gostava de sair da aula, no Largo São Francisco, e beber alguma coisa conosco. E às vezes podia passar do limite. E todo mundo dizia: “Professor, vou levá-lo.” Ele fazia assim. E ele combinava comigo que na hora em que ele desse uma piscada nessas condições era para avisar que quem ia levá-lo era eu. Então eu saía do Largo São Francisco, dava o braço e vinha caminhando até a Avenida São Luis. E dependendo da proporção da bebida, eu só tirava o paletó, a gravata, o sapato e a meia. Mas se ele estivesse mais empolgado naquela noite eu o deixava só de cueca, devidamente autorizado por ele. Então, grandes



personalidades! É que você marca. Por exemplo, eu tive cinco anos de faculdade. Alguns professores eu não lembro o nome, mas aqueles que mexeram comigo... É como diz o professor Bechara na tua área. Há pouco ele disse, lendo o prêmio que ele recebeu – eu li e tenho amizade com a família Bechara – que o importante não é o professor transmitir, é importante que o aluno entenda aquilo que ele está querendo passar. Quantos professores eu peguei que não tinham didática? Dava vontade de dormir, de sair da sala, pedir para ir na *toilette*. Principalmente para mim era difícil, porque sempre sentei na primeira fileira. Nunca aceitei colar e nem passar. E se você chegar a ver meus cadernos – alguns foram roubados pelos meus filhos – você não vê uma mancha, você não vê uma falhazinha. Então era um respeito que eu dava a mim próprio. Todas as minhas apostilas – se você for na biblioteca do lado de lá – você vai que todas elas estão em forma de livro, com as minhas iniciais, o nome do professor e o ano que eu estudei. Então é uma vida dedicada aos estudos, cuja grande parcela eu a ganhei aqui. Ela me encorajou. Você vem de Jaú, não conhece ninguém, vai fazer o exame numa USP, como é que faz?

AE: Doutor Geraldo, o senhor contou essa curiosidade de vocês saírem da faculdade e tomarem algumas ao redor, que lugares então vocês frequentavam nesse momento da história da cidade, da vida do senhor?

AJ: Vienense, Zillertal, Boite Oásis, que era subterrânea na [Rua] Sete de Abril, Fasano, que era na Barão de Itapetininga. O segundo escritório eu comprei na Barão de Itapetininga nos idos de 1966 – eu era solteiro ainda, então podia fazê-lo – e era em frente ao Fasano. Então os carros paravam, as damas desciam com belos guarda-chuvas, bolsas, chapéus. O Mappim também tinha um chá maravilhoso, a própria Mesbla. Então eram lugares mais ou menos próximos que a gente frequentava sim. E havia um detalhe muito interessante e eu me permito contá-lo. As meninas convidavam a gente para festas – o estudante de Direito era o mais procurado. E essas festas normalmente eram realizadas aos sábados. Então nós tínhamos duas equipes: a equipe dos que se trajavam bem, fisicamente mais..., e



aqueles... E o que o pessoal fazia? A turma – não dos repelidos, nem dos rejeitados, mas aqueles que tinham entre si uma determinada vergonha, eram os que separavam comidas – porque às vezes nem tinha, principalmente queijo, goiabada – para levar para passar a semana. Então nós tínhamos duas equipes e a gente dividia dependendo da circunstância. Por exemplo, nós fomos para uma peça de teatro em Ribeirão Preto para ficar, acho, três dias. Mas aquele envolvimento com jovens, as meninas: “Ficam mais, ficam mais, ficam mais.” Mas como ficar mais se ninguém tinha dinheiro para pagar o hotel? Mas aí vinham as ideias mirabolantes. “Não, vamos ficar e depois nós damos um jeito.” Quando chegava no sexto, sétimo dia não dava mais para ficar. Mas a gente, o que fazia? Dois ficavam num determinado quarto, bem longe do nosso. Aqueles dois armavam uma confusão e nós saíamos pela porta do hotel tranquilamente. Lógico, sem pagar. Por exemplo, XI de Agosto, quantas vezes eu não assinei Vicente Rao? Porque os garçons eram inexperientes e nem sabiam quem era Vicente Rao, Ernesto Leme. Então, as comemorações... Nós fizemos uma no Othon que é digna de ser contada. O dono da Sadia, família Furlan, sobrinho do Luiz Furlan chamado Pedrinho, passava as férias em Santa Catarina. E nós programamos, pela coincidência... Falei: “Pedrinho, você passa um telegrama para o Othon Palace dizendo que uma delegação de religiosos vai ficar do dia 1º ao dia 11 no Othon.” Muito bem, passou, grudou, mas nós tínhamos um problema: nós éramos muito jovens, quem ia ser o padre? Aí – nunca me esqueço – o Djalma era escrivão do 10º Tabelionato de São Paulo na Rua Boa Vista, colado com a Associação Comercial, e ele já tinha uma boa idade. E para convencê-lo... porque nós fizemos o redondo na cabeça, tivemos que levá-lo no barbeiro – e conseguimos convencê-lo. Compramos uma batina, e os santinhos e a Bíblia, compramos na Senador Feijó, perto da Faculdade, que tem uma casa oficializada. E praticamente nós não levamos roupas. Entramos com malas para despistar – porque a gente entrava e saía – e começaram as coisas maravilhosas. Um da turma era escolhido para dizer que era especialista em ler as mãos das mulheres. Naquela época eram francesas, inglesas, americanas. E toda mulher é sedenta de saber alguma coisa. E nós combinávamos: “Você vai falar para aquela que ela vai acabar conhecendo um rapaz – descrevendo um dos nossos, que era



quem ia chegar nela.” E as refeições eram antecipadas com a mão na Bíblia. Todo mundo se levantava, rezava, fazia o sinal da cruz. E alguns que bebiam – eu nunca fui de beber – queriam saber onde estavam guardados os grandes vinhos. E era subterrâneo. E mandavam abrir bebidas cujos nomes eu nem imaginava – que fossem aqueles, pois queriam experimentar. As camareiras maravilhadas com 10, 12 moços da melhor estirpe e com alguns casos acontecendo porque, na leitura da mão, quando elas souberam que as madames estavam lendo as mãos, todas quiseram ler as mãos: “Olha, você vai acabar conhecendo...” “Mas vai demorar?” “Não, isso é questão de dias.” Bom, acabaram acontecendo alguns colóquios amorosos. Aí nós tínhamos a noite vital de 10 para 11 de agosto e nós já sabíamos que íamos sair presos. Tinha um alemão que coordenava lá e quando descobriram que era do XI de Agosto chamaram a radiopatrulha e nos levaram para o Pátio do Colégio, porque lá havia a central de polícia. O delegado logo percebeu a maravilha da coisa. Fez a ocorrência e o alemão xingava e maltratava. “Não, o senhor pode deixá-los aqui que eu vou cuidar deles.” Tão logo o delegado dispensou o alemão e a equipe que veio junto, ele deu os parabéns para cada um de nós e disse: “Vocês vão ser convidados para almoçar comigo e no restaurante que eu for vou dizer que sou delegado e ninguém vai pagar.” Maravilhoso. Então eram momentos inesquecíveis dentro de uma falta de responsabilidade total. Da mesma maneira, pulando para o outro lado, quando entrei na faculdade, eu achava que ia salvar o Brasil, que eu ia ajudar, que eu ia diminuir o número de pobres, que eu não ia admitir injustiças e que minha carreira ia ser pautada por essa conduta. Isso sim, porque até hoje eu faço advocacia para pobres e ponho do bolso. Então foi uma maravilha. Tudo o que eu podia aprender lá dentro graças à Biblioteca Mário de Andrade.

AE: O senhor chegou a frequentar porque nessa época tinha também a efervescência da cidade, dos teatros, cineclubes, o senhor chegou a frequentar, participar?



AJ: Sim. Teatro Municipal – a entrega dos diplomas foi aí. Onde é a Votorantim era o Baile das Rosas. Ali era um salão de baile. Então as moças que iam iniciar na vida amorosa, com os namoricos... O Baile das Rosas era lá. Marta Rocha, quando foi escolhida Miss Brasil – o Baile das Américas, nós a convidamos, a levamos no Clube Holms. O baile foi lá. Com carros especiais. E todo mundo querendo tirar a casquinha da Marta Rocha. Para mim é das mulheres – se não a mais bonita – ela deve estar em segundo, não passa daí. Outra coisa: na Praça da República, havia aves e nós estávamos loucos para comer, almoçar e conhecer o Palácio, que era na Rio Branco. Era governador o Jânio Quadros e ele era terrível. Então o que aconteceu? Ele tirou uma licença e entrou para o Filho da Pátria, porque era são-paulino e muito simples. Aí nós fizemos o seguinte: tiramos essa ave, o pavão, levamos lá para o Largo e mandamos bilhetes: “Se quiser a devolução tem que ser com entrega solene lá, com almoço e três, quatro salões – um amarelo, outro azul, outro...” E ele, como gostava de receber os estudantes, fomos para lá, sim, com almoços especiais. Tudo o que a gente podia experimentar a gente fazia.

AE: Isso tudo foi na época em que o senhor estava fazendo a Faculdade de Direito?

AJ: Tudo, tudo, tudo, tudo. Até porque depois de formado eu não podia adotar essa postura. E eu tinha um problema sério. Como eu me formei com 21 anos, novembro de 1958, eu precisava usar anel de grau e bigode. Por isso que no livro você vê o bigode. Porque era a identificação primeira, realmente. Eu já era advogado e estava em condições de atender todos aqueles que me procurassem.

AE: Então vamos falar um pouquinho desse momento do senhor na Faculdade de Direito. Eu queria saber dos professores. O senhor mencionou o Godofredo da Silva Telles, outros professores que foram marcantes.

AJ: Lino Leme, Economia Política; Ernesto Leme, Direito Comercial; Noé Azevedo, Penal; Alfredo Buzaide, Processo Civil; Sílvio Rodrigues, Direito Civil; Jorge Americano, um monstro, Direito Civil, Legislação Social, que hoje é Direito do



Trabalho; Cesarino Júnior era médico e advogado, um monstro; Brás Arruda, Direito Internacional – não sei se público ou privado –, o Gaminha, que depois foi ser Chefe da Casa Civil e que deu aqueles contornos dos atos institucionais à época de 1964, Gabriel de Rezende, Godofredo da Silva Telles, Ataliba Nogueira, Teoria Geral do Estado. Professores de grande marca e que eu duvido que as novas faculdades possam... E entre os professores atuais, alguns da turma. José Ignácio Botelho – foi professor de Direito Civil e Diretor; Ives Gandra Martins, professor, autor de livros; Tomás Bastos, ministro do Trabalho, ministro da Justiça; Sydney Sanches, ministro do Supremo Tribunal Federal; Claudio Lembo, governador, vice-governador. É uma turma que se forjou porque a Faculdade de Direito, respeitando todas as outras, ela guarda muito respeito. Por exemplo, vou despachar uma petição, primeiro o juiz vê o meu número, que é um dos mais antigos do Brasil, 11.896; segundo, hoje, o cabelo branco – os cabelos grisalhos significam alguma coisa. E terceiro, a clássica pergunta: “Onde o senhor se formou?”. E realmente é um diferencial. Não sei se merecido, não merecido, se eu, como outros colegas, fazemos ou não juz. Mas eu aprendi uma coisa e que eu conservo: eu não queria ser um advogado comum, porque eu acho que os comuns se misturam. Eu queria ser um advogado além do nível. E foi isso que eu passei para os meus filhos. O meu filho é professor de Direito Civil da PUC; fez mestrado, fez doutoramento. A minha filha é Direito Penal, fez grandes juris comigo, inclusive dos Cravinhos, que agora, em março, nós deveremos obter o regime semiaberto. Então vitórias consagradas, com muito respeito por parte tanto da polícia civil, do poder judiciário, quanto do Ministério Público. Porque a gente tem que se impor. E eu me dobro. Se eu perceber que a razão é do meu cliente, você não tenha dúvida que eu vou até as últimas consequências. É uma coisa que eu projetei para mim. Nos códigos que eu estudei, eles sinalizam que se deve buscar a verdade real dos fatos. Ela é mentirosa, ela não existe. Então eu aprendi com cinquenta anos, que existe sim a verdade real do meu cliente. E é por essa que eu me bato até o fim. Aquela é interesseira, aquela é mais para ajustes, para dizer que tem justiça. Agora, a verdade real do meu cliente, que eu defendo, essa para mim é justa. É lógico que me louvando sempre na lei. Às vezes o sujeito critica: “Pô, mas o senhor tirou com facilidade. A lei é fraca.” Vai lá no Congresso.



Não sou Senador, nem Deputado Federal e nem faço medidas provisórias. Eu uso aquilo que os códigos me permitem.

AE: Doutor Geraldo, voltando um pouquinho para esse momento na Faculdade de Direito, era um curso predominantemente... que tinha homens.

AJ: Só homem.

AE: Não tinha mulher?

AJ: Raríssimo. Por exemplo, minha turma de quatrocentos, tinha trinta mulheres. Não dava 10%. Mas algumas brilhantes. A Marli, por exemplo, sucedeu o professor Cesarino Júnior. A Esther Figueiredo Ferraz foi a primeira professora mulher. Depois reitora e ministra da Educação. Hoje eu tenho a nítida impressão de que o que a mulher faz, quando ela se dedica, ela faz ou igual ou mais bem feito que o homem. E com uma responsabilidade dupla. Às vezes ela tem os afazeres de casa, solteira, casada ou não, e o emprego que a mantém. E, lógico, se tornando cada vez mais, no bom sentido, independente.

AE: E, doutor Geraldo, o senhor mencionou esse contato com o comércio da 25 de Março, predominantemente libanês. Então, eu queria que o senhor contasse um pouquinho sobre seu trânsito com a comunidade libanesa.

AJ: Eu explico. Meu pai ficou em Jaú quarenta anos. Era proprietário da Casa Chic, o livro conta. E o meu pai, ex-mascate, que ia pelas estradas vendendo, vindo do Líbano, tinha a seguinte maneira de agir: todas as duplicatas pagava com desconto. Então, conseqüentemente, não se atrasava e nem pagava depois. Lógico que os industriais libaneses e os que estavam na 25 davam meu pai como freguês preferencial. Então eu vinha pagar as duplicatas, por isso que eu pude servir à dona Constança Rao. Porque eles não negavam comprar um convite meu. E dei um belo golpe, no bom sentido, quando eu me agreguei com um jornalista da *Folha Paulista*



e a Revista do XI de Agosto; deram a publicidade para mim. Metade do que eu conseguisse na página era meu. O que eu fazia? Cada número eu ia num comerciante que vendia para o meu pai. Não recebia, não. E aconteceu um fato interessante: meu pai tinha conta no Banespa da João Brícola e eu tinha conta lá. Ele me mandou minha primeira mesada e eu a devolvi. Minha mãe ficou louca: “O Bibó, o Geraldo, está maluco.” Aí liga, falei: “Não, pai. Já estou empregado no Aldo Raia, já estou escrevendo na *Folha Paulista* e comando a parte de publicidade do XI de Agosto. Já estou pegando dinheiro, no bom sentido, dos seus comerciantes da 25. Eles estão me dando a página”. “Ah, então está bom”. Veja como uma coisa foi se ligando à outra. E com o nome que o meu pai me herdou e que ele próprio criou, todos facilitavam as coisas. Por exemplo, se eu precisasse de um dinheiro por qualquer motivo, havia um senhor chamado José Sarrufo que dava o que eu pedisse. E, às vezes, meu pai vinha para as compras. Por exemplo, as duas filhas e a esposa do Camargo Correia, que era amigo dele, só compravam na nossa loja e só podia vender um corte para cada uma, para não ser igual, tanto na cor quanto no tecido. Então ele vinha a São Paulo, ou Rio de Janeiro. Renda agripir, lingerie... ainda me lembro de alguma coisa porque ouvia meu pai falar. Então, a loja em Jaú, que era muito bem montada, serviu todo esse pessoal, que eram as famílias tradicionais, e com a 25 ficou absoluto. Além do que, quando vim para cá e entrei, eu entrei nos clubes da colônia: no Marjeyoun, a cidade onde meu pai nasceu, sou fundador; Clube Homs, hoje sou conselheiro; Esporte Clube Sírio, sou conselheiro, aliás, sou sócio e já fui advogado do clube. Então também houve essa passagem pelos clubes da colônia, porque você acaba se identificando, talvez pelo seu mérito cultural.

AE: E como o senhor tem esse trânsito e conhece bem a cidade, eu queria que o senhor ajudasse a gente a refletir um pouquinho sobre essa proposta de revitalização do centro da cidade, essa tentativa de fazer com que o centro readquirira esse papel...



AJ: Se ela não sofrer isso, vai desaparecer paulatinamente, eu lhe explico. O primeiro elemento de identificação: Pátio do Colégio. Se você não mantê-lo... Onde é que os jesuítas chegaram? Não foi lá? Esse lado da Sala São Paulo? Se aquele lado permanecer como está... Melhoraram um pouquinho. Lá, o que tem? Prostituição e droga. Como é que a gente pode tornar a cidade mais jovem e mais acolhedora? Então, tem que partir para a mudança e por pessoas que conheçam educação, porque se não conhecer, não vai resolver. Vão dar palpites errados. E também saber ser econômico no bom sentido da palavra: que tipo de obras você vai fazer. Outra coisa, a rede hoteleira é extremamente importante. Agora nós vamos ter uma Copa do Mundo em 2014, mas temos outros acontecimentos. Eu fui, por exemplo, com o prefeito de Jaú na segunda-feira ver a Couromoda. Quem se instalou lá ao lado? Holiday Inn. Quer dizer, um americano que enxergou, quando podia ser de um brasileiro, aquele hotel. O Anhembi ainda está necessitando de algumas coisas. Por exemplo, você entra lá dentro – vocês que são jovens – e o sistema de ar refrigerado é horrível. Então o que acontece? Você entra e já quer sair, quando você tem que saber manter a pessoa para ela ficar, gastar, e o dinheiro ficar aqui. Não é só sair, sair. Por exemplo, eu via com tristeza essas peças de Natal. Aí fui visitar um: “Ah, trouxe de Nova Iorque.” O outro: “Trouxe de não sei de onde.” Elas são feitas aqui. Então, o que acontece, o dólar não sai, ele fica. Agora, também para melhorar a cidade, é preciso que o governo federal, sempre em conjunto, estabeleça um regime mais apurado entre a importação e a exportação. Se discutiu no Couromoda que é mentira o que vem da China por um real, ou por um dólar. O que eles fazem? Eles pagam por fora e dão o golpe no governo brasileiro sonhando. E você, comerciante ou industrial, acaba pedindo a sua falência. Tem que corrigir. Tudo isso leva a cidade a melhorar ou não. Por exemplo, Teatro Cultura Artística. Tem que fazer correndo, Teatro Cacilda Becker. Eu fui advogado dela. Na Lapa, tem que refazer. Como também ensinar a ler livro, tem que ensinar ir ao teatro – Museu do Ipiranga, por exemplo. Eu fui conhecer melhor a vida do Santos Dumont quando fui lá. Eu não a conhecia como hoje a conheço – onde morreu, por onde passou, o que fez, o que deixou. Porque a grande tristeza do Santos Dumont foi perceber que o invento dele poderia gerar guerras. Porque com



navio ou com avião você faz a guerra. Só não faz se faltar uma coisa – não é arma, não; quem é que não faz a guerra? – se faltar alimento. E aí o Brasil, na agricultura que tem, pode e deve ser o primeiro país do mundo. Eles têm que vir aqui pedir a bênção para comprar a soja, o feijão, o milho, o etanol. O Brasil tem que ter a dianteira, porque quem tem o grão tem tudo e pode caminhar. Por exemplo, você tem alguma montadora nacional, genuinamente nossa? Você pode responder: “Não, doutor Jabur, mas eles dão emprego”. Mas qual é a nossa? Não tem nenhuma. Nós estamos alimentando as estrangeiras e elas, cada vez mais, aqui. E o que os dólares fazem? Saem. E com um grande problema, vou dizer para você: as multinacionais tiram a última gota do seu sangue. Aí quando você está castigadinha ou castigadão, eles te mandam para a rua, porque não tem uma lei maior até para proteger aquele que ficou vinte, trinta anos se dedicando. Então nós temos que nos emancipar tanto no campo cultural – saber, abrir caminhos... Agora também não adianta meter quantidade e a qualidade cair. Então eu acho que o centro precisa sim. Agora, se o que vem de fora, ou mesmo daqui, não tiver uma segurança, como é que faz? A segurança também é outro capítulo especial. Agora, se os políticos não tiverem sensibilidade, se estiverem a fim só de ocupar cargos para eventualmente levar vantagem, a nossa cidade não vai chegar onde quer. Porque ela também envelhece. Você acha que eu tenho os mesmo movimentos que eu tinha quando jovem? Eu não tenho mais. Então, é a lei de Deus que eu tenho que aceitar. Agora a cidade tem que... os quadros... Agora, ninguém gosta de se re-eleger dez vezes, ninguém larga um determinado cargo. Eu, como não parti por esse caminho, talvez não possa fazer uma avaliação maior, mas deve ser bom, porque o sujeito se re-elege. Ele se eterniza, não sai, quer ficar.

AE: Doutor Geraldo, inserido nessa questão que o senhor colocou, como o senhor vê a relação das novas gerações com a leitura e com o livro?

AJ: Esse é um ponto importante. É minha grande preocupação, porque já tenho netos. Veja, no meu tempo eu não tinha internet, não existia esse fenômeno chamado globalização, satélite Star, as notícias demoravam para chegar a



determinados centros. E posso falar sem medo de errar que os jovens de hoje são mais inteligentes que o meu tempo. Eu te dou um detalhe e prossigo. Eu te dou um exemplo: o meu neto foi conhecer o Jardim Zoológico com o pai, com quatro anos. Saiu de lá maravilhado, mas esse não é o ponto. Eu disse: “Paulinho, como é que você entrou? Você não tem dinheiro.” Ele falou: “Vô, eu tenho cartão de crédito”. Então veja que eu começo a responder para você que o acesso é maior. Agora, esse acesso não pode ser deturpado, porque estamos enfrentando paralelamente um grande problema. Qual é? Nós temos que nos aperfeiçoar nas regras. Nós não devemos nos aperfeiçoar nas exceções. Por quê? Porque as exceções acabam atingindo o verdadeiro princípio, até da humanidade – e ofendendo o direito natural. Então, o que acontece? Essa mocidade que está chegando, e que tem tudo, tem que ser bem orientada. Mas por quem? Tem que haver uma conjugação entre o que os pais dizem, o que os professores dizem e os meios de comunicação. Então, você tem uma sobrinha; você orienta de uma maneira, aí ela, sem querer, vê uma televisão: “Minha tia é uma tonta.” Outro ponto que me preocupa é justamente das doenças. Por exemplo, muita jovem parte para determinados caminhos como autoafirmação porque a vizinha contou uma história e acaba se machucando. Você verifica que essa praga chamada AIDS não está sendo contida. O Serra, graças a Deus, quando ministro da Saúde, deu soluções para que houvesse um remédio que diminuísse e prolongasse a vida. Nós estamos verificando, com esse termo novo chamado balada, que os jovens saem sem horário, sem preocupação, sem se cuidar e os resultados são, na maioria das vezes, negativos. Então, por exemplo, a mulher tem que ter a sua liberdade, mas se eu encontrar uma mulher às três horas da madrugada, num bar, eu não vou pensar da mesma maneira que eu encontrar um rapaz às três horas da madrugada num bar. Então, precisa que os dois sexos se cuidem, saibam se proteger, diminuir certas dificuldades que certamente vão escoar neles para ter uma raça mais forte e com possibilidade de uma vida mais prolongada, porque agora a gente começa a se perceber que o ser humano já começa a atingir 70, 72, 75, e é bem possível que chegue a oitenta. Por quê? Porque a medicina está fazendo a parte dela. Não tinha computador para tratamento médico. Hoje você faz tratamentos médicos louvando-se unicamente no



computador, que é uma coisa séria, mas que também escorrega. Quando vem um vírus, quando tem um defeito, você para. Todo mundo para. Então o lado do patriotismo está muito mal explorado. Por exemplo, se você pegar os hinos principais. Manda um jovem, vê se ele canta? Ele não é culpado. Culpada é você que é educadora; ela que é professora. Por quê? Porque não trouxe o hino. Por exemplo, isso eu aprendi. Toca o hino nacional, a primeira coisa é aqui. Então, tem que aprender a ser patriota. Você pega esses países menores, Equador, Paraguai, Argentina, o patriotismo fica à flor da pele. Agora, você deve ser fria e calculista até para determinadas coisas, mas quando for sua pátria, sua saúde, teu país, familiares teus, você tem que trazer todos os atributos que você possa juntar, para salvar, para abrir um novo caminho, uma orientação correta. Agora, orientação religiosa, independente do credo, quando aquela religião, aquele credo, não cai no fanatismo e que é meio de exploração, sem citar, também é importante. Eu tinha aulas de religião. Lógico que coincidiu de ser interno em colégio de padre, pouco importa, mas precisa ter orientação.

AE: Doutor Geraldo, o senhor acabou de tocar num ponto que eu queria recuperar sobre sua história pessoal, que é a sua vinda para São Paulo. O senhor veio para estudar no Arquidiocesano quando muito jovem ainda. Então, como foi o impacto de vir para a cidade nesse momento, tão jovem, uma cidade grande, vindo do interior, e depois então sua experiência no Arquidiocesano?

AJ: Eu tive sorte e vou explicar por quê. Meu pai foi inteligente. Já havia uma turminha de Jaú: família Cury, família Decalis, família Carvalho Pinto de Dois Córregos, que já estudavam aqui. Então ele me colocou num lugar em que eu já ganhava ambientação, o que é importante. Depois eu fui fazendo amizade sólida com o Boris Resek, de Gália, num meio ambiente, numa classe social que eu já vivia lá. É lógico que, conforme lhe falei, São Paulo me espantava, porque, quando fui me preparar para a Faculdade, e essa reflexão eu fazia constantemente na Biblioteca: “Será que vai haver um lugar para mim onde estudou o Rui Barbosa? Será que vai ter um cantinho onde estudou Olavo Bilac, Castro Alves, Casimiro de Abreu? E



aqueles mais recentes?” Então, aquilo não me encucava, mas me fazia reflexões profundas que mexiam comigo. Agora se você não estiver motivada, você não põe a roupa do corpo. Você chega de manhã... Agora, no setor educacional tem que ter motivação. Como é que eu vou estudar numa sala escura? Como é que eu vou entrar num banheiro com mau cheiro? Como é que eu vou entrar numa repartição que não conhece horários? Por que o alemão, na minha ótica, – e eu não sou descendente de alemão – é o que chega mais perto. Você pega um instrumento deles e vê que é perfeito. Você vai numa faculdade deles, como eu fui em Hamburgo, e é uma coisa impressionante. O diretor da faculdade de engenharia de Hamburgo, conversando, desses vinte rapazes que se sacrificaram no dia 11 de setembro nos Estados Unidos, o primeiro aluno era um árabe. Então ele estava falando de um árabe, não de um alemão. E como é que uma vocação dessas pôde ter um fim como aquele? Primeiro aluno. Ele foi levado pelo quê? Pela paixão do país, pelo patriotismo. E eu tive esses impulsos também, de achar: “Eu vou me formar e ajudar meu país.” Aí fui vendo as dificuldades e onde eu podia me colocar. Então, sem motivação você não faz nada, desde a roupa, desde a higiene. Motivação é fundamental.

Agora, outro ponto, os grandes colégios da época eram: São Luís, Rio Branco, que era e ainda continua sendo dirigido pelo Rotary, Arquidiocesano e Pasteur. Quer dizer, meu pai escolheu aquelas amizades num colégio de nível, porque o Soares de Melo, que me examinou, a primeira pergunta foi: “Onde o senhor estudou?” “Arquidiocesano.” “Muito bem.” Eu tinha visto ele reprovar um aluno porque respondera que havia estudado no XII de Outubro, da Lapa. Foi reprovado só pelo colégio. Então, talvez essa carreira não tivesse o êxito que teve se eu tivesse terminado lá. “Onde o senhor estudou?” “Em Jaú, que é a minha terra natal.” Eu não entrei no Itamarati por causa do nome, porque eu queria ser embaixador. Talvez hoje eu tivesse... Não, hoje pela idade eu estaria já na compulsória, mas o que eu teria feito pelo Brasil lá fora?

AE: Então, quando o senhor veio para São Paulo, o senhor virou interno do Arquidiocesano. Onde era? Ainda é lá?



AJ: É lá, no mesmo lugar. Está no livro. Fez cem anos agora. E outra: eles não eram padres; não são padres. Eles são irmãos maristas. Tem orientação religiosa e os três filhos... tem três netos que eu pus lá. Eu os coloquei lá. São irmãos maristas e fabulosos para ensinar. Então, tudo na minha carreira... Primeiro escritório, como é que começou? É um negócio divino. Eu tinha resolvido sair do Aldo Raia, que tinha escritório na Rua do Tesouro, e ali, o grande ambiente financeiro, bancos... comecei a ver onde que eu poderia arrumar. Aí entro na portaria da Rua Boa Vista, 162. Era um prédio de uns banqueiros de Batatais. Aí o zelador gostou de mim, José Charaba, já falecido, falou: “Olha, doutor, tem uma empresa aqui no 13º andar que vai mudar para a Sete de Abril, no edifício do Paulo Abreu – Paulo Abreu era um banco que tinha. Por que o senhor não consegue ver se eles alugam e deixam o senhor usar com o mesmo aluguel?” Falei: “Eu vou tentar” Subi, comecei a conversar com o doutor Alberto Semin, que era o dono da Sivel – era e é ainda. Falei: “Olha, eu quero pagar em 12 vezes. Vocês me deixam pôr uma placa – Departamento Jurídico – para ter o mesmo aluguel” Quando estou entregando um cartão para ele, entra um senhor bem mais velho e diz num árabe: “Alberto, o que esse moço quer de você?” “Não, ele é um jovem advogado e quer ficar com a sala” Aí ele me pegou pelo braço, ainda não firmemente, e falou: “Como ‘sua’ nome?” Falei: “Meu nome é Geraldo Jabur”. Aí ele me pegou pelos dois braços: “O que você é de Said Jabur?” Falei: “É meu avô”. Aí ele começou a chorar; eles tinham vindo no mesmo navio cargueiro. Uma coisa linda, quer dizer, é como minha carreira começou. E ele vinha todo dia me ver, paguei em três meses, não em 12, não deixou assinar nada – ontem eu estive com o filho dele; ele faleceu –, para ver se eu estava bem. Falou: “Alberto, na minha sala não mexe que eu venho aqui todo dia”.

E há um fato também que merece registro. No 14º andar tinha um barbeiro. Chamava-se Horácio Zanetti. E o banco tinha sido vendido para o Indústria & Comércio. E ele recebeu a ordem do fórum para desocupar. E ele não tinha condições econômicas. Eu me servia dele. “Doutor Jabur, o senhor pode me defender?” “Eu vou defendê-lo. Não vou cobrar nada”. Eram trezentos inquilinos. Para você ver como as coisas boas ou más, como é que elas nascem. Aí todo



mundo ia lá. “Pô, aqui tem um advogadinho novo, de primeira, corajoso, destemido. Como é o nome?” “Doutor Geraldo Jabur.” “O senhor me leva lá na...” Eu fiquei advogado dos trezentos. E com a demanda eu comprei o primeiro escritório próprio na Praça Clóvis. Era um barbeiro que ia comigo às festas; excelente dançarino. Eu, para não diminuí-lo, e nem aceitava, eu dizia: “Meu amigo, meu companheiro”, se na conversa com a moça... Desculpa, mas se quisesse falar: “Senhor barbeiro”, era problema dele. Mas... belíssimo. Um visual, uma pessoa concentrada... olha só.

AE: Doutor Geraldo, retomando essa relação da profissão com a Biblioteca, o que ela precisaria ter para atrair novamente um público como o senhor, da área de Direito?

AJ: Uma palavra só: programação bem difundida. E abrir. Por quê? Porque tudo tem concorrência. Você tem concorrência, o cara fica... eu fico na televisão, não vou na Biblioteca – programação, saber provocar. E um corpo que atenda as necessidades. Então, por exemplo, se eu fosse o Secretário da Cultura, eu chamo e digo: “Olha, ela vai ficar responsável pelo setor dos jovens, ele meia-idade, você dos velhos.” São posições diferentes. É o despertar, é a programação, é fazer você gostar daquilo. Eu, por exemplo, como arroz, feijão, o ano inteiro. Por quê? Porque no dia em que eu provei eu gostei. No lado amoroso você consegue, em qualquer relacionamento, não gostar da pessoa? Só se for um monstro.

AE: E em termos de acervo, doutor Geraldo? Existe alguma bibliografia específica que poderia talvez haver na Biblioteca que atendesse as necessidades dos profissionais da sua área?

AJ: Por exemplo, infantil. Tem que ter a Turminha da Mônica; um exemplo. Os grandes autores brasileiros, para o pessoal... aí você já pega meia-idade, faculdade, principalmente para quem tem que fazer vestibular – os grandes autores. Agora, esses grandes autores, eu não me lembro mais se tudo nós temos aí. Temos?



AE: Temos. Os grandes autores sim.

AJ: Como é que é feita essa avaliação? Na aquisição, na vinda desses...

AE: Tem um grupo de...

AJ: Por exemplo, por exemplo, eu me dou com ele. Hoje é um homem da moda, o Chalita. Teve noventa mil votos, foi Secretário da Educação, então tem coisas dele, vamos supor, que podem ser boas. Por exemplo, meu cunhado é o maior jornalista brasileiro, o Alberto Dines. É casado com a Norma, minha... é jornalista também. Agora eu não entendo como é que está atualmente o ciclo de conferências, quem está vindo, quem não está vindo; a troca de experiência com outros países, principalmente Portugal ou os países latinos. Porque para mim os americanos não servem de exemplo. Para mim tem que ser a Europa clássica: Portugal, Espanha, Itália e França. Aqui está o quarteto que ninguém vai conseguir tirar. E vou dizer mais para você: no campo sociológico, os Estados Unidos peca muito porque está preocupado com os negócios. Olha agora. Você não pode sair, se desvincular do lado amoroso, do lado sociável. Lá está a guerra para ganhar dinheiro. Só isso não é o bastante. No campo da sociologia eu não adoto os Estados Unidos. Adoto Portugal, França, Portugal e Itália. Nem Inglaterra, porque é o mesmo método. Irlanda, Escócia, País de Gales, é o que gerou. Por exemplo, o professor Alfredo Buzaide, no Código de Processo Civil, de 1973, ele quis trazer ensinamentos dos alemães, germânicos. Não pegou porque o direito alemão, inglês e americano é por analogia. Então, conforme aquele caso acontece, você aplica. Aqui não. Aqui é preventivo e tem os códigos. Então, quem a gente louva? Portugal, Espanha, França e Itália, que é o berço do Direito, o resto é brincadeira.

AE: Doutor Geraldo, para a gente ir finalizando, eu queria saber se existem livros que o senhor retoma, relê, livros que o senhor mantém na sua cabeceira como basilares.



AJ: Dostoievski. Bíblia. A Bíblia eu já li, vamos dizer, cinquenta vezes e ainda não entendo direito. Rui Barbosa. Eu frequento a Casa de Rui Barbosa até hoje. Então tem livros de cabeceira... tem que ter. E mesmo você relendo, você pode se aperceber, isso é importante, de um ângulo que... E outra coisa: depende muito... eu, por exemplo, não estudo cansado, não leio um livro cansado. Por quê? Porque eu vou aproveitar menos. A minha fortaleza é o meu dicionário mental; parece pequeno e é grande. Então acho que, para você ler, você tem que estar bem com você em primeiro lugar. Ter vontade de ler aquele autor. Lygia, eu leio muito. Eu adoro a Lygia, Fernando Pessoa. Se você colocar cem homens na tua frente, aqui, e eu lhe fizer a pergunta: “Ana, vê se você simpatizou com um”. Você passa os olhos. Aí ela manda eu examinar seis jovens. Eu digo: “Olha, eu gostei do sorriso desta, ou da postura daquela”. A escolha é muito difícil. Nós somos exigentes e, às vezes, com ou sem razão. O ser humano não é infalível, porque tem Aquele. O direito de escolha é difícilíssimo. E, às vezes, a pessoa mais importante para você, para ele ou para ela está perto de você e você não percebe. Inclusive para relacionamentos amorosos. Se tem vergonha ou tem medo ou é inibido, não chega. Ela não imagina que ele tenha uma simpatia inicial que possa desdobrar. Por isso que a vida é linda. E no amor não existe eu. Você repete, vai em busca dele. Por exemplo, a Suzana Vieira precisava ter esse fim? Não precisava. É a mesma coisa. Eu tenho 74 anos... chegar e procurar uma menina de uma idade em descompasso com a vida. É uma mentira. Agora, é uma mentira dos dois lados. Ela pode estar interessada em estar ao meu lado e aquele estar interessado em ficar ao lado dela por aqueles determinados momentos. Agora tem duas coisas que você não engana. Se você colocar um espelho, ele é mudo e surdo. Você vê se você está bem. É a primeira. E a consciência. Você quer saber se você está bem na minha ótica, que é o que eu faço sempre, espelho e a consciência, subjetiva, impenetrável, maravilhosa; dá elementos positivos para você mudar de posição, mudar de opinião. Você não escapa dos dois.

AE: Doutor Geraldo, tem mais alguma coisa que o senhor gostaria de colocar que eu não perguntei para o senhor, que tenha escapado?



AJ: Eu gostaria, pelo fim, e talvez eu não veja, mas de deixar consignado. Eu gostaria que o Brasil não fosse só um país grande. Eu gostaria que o Brasil diminuísse as desigualdades sociais. Eu gostaria que nós tivéssemos condições de nos igualarmos tanto no campo cultural, como no campo material, isso em razão das oportunidades, para que o Brasil fosse sim o grande comandante. Por quê? Nós não temos problema de água, nós não temos problemas de alimentos, nós não temos problema de terremotos, aquelas dificuldades. Mesmo o frio aqui é um frio tolerável. Quem viaja para a Europa, Rússia, como eu fui, tudo aquilo, sente a desproporção. E aqui parece que nós fomos os favorecidos. O calor em excesso te desgasta, o frio em excesso te desgasta. Para mostrar como o corpo humano é sensível. E o Brasil tem tudo isso. Outra coisa, o Brasil tem simpatia, tem amor, tem sorriso. Agora precisa aproveitar isso aí. Por que às vezes tem estrangeiros que vem para cá e ficam alucinados? Você não viu essa mulher do presidente agora? Quis entrar no meio do povo. Porque talvez, com aqueles negros menos afortunados, ela trocou um sorriso que nem com o marido ela troca, ou com a França toda, ou na Itália, de onde ela é oriunda. Acho o brasileiro valoroso. Agora precisa diminuir a corrupção que tem. Nós precisamos ter confiança nos três poderes. Um fala uma língua, outro fala outra. Interesses mesquinhos. Saber escolher os homens. E se preparar para os grandes cargos serem ocupados por mulheres, porque não é rebaixar, não, eu acho, se tiver capacidade tem que pôr lá. Eu me orgulho de ter lançado a Zulaiê Cobra como candidata a vice-presidente, nesse escritório, com o José Roberto Batoquio, quebrando uma norma de que só homem se candidata. A Zulaiê saiu candidata aqui. Foi uma deputada federal brilhante. Perdeu o marido num acidente com um animal – um boi ou um cavalo aí na marginal. Agora a mulher precisa se fazer presente dessa forma. Não para ela mostrar que ela é maior que o homem. Ou melhor, pelo menos estar em igualdade. Agora, tem certas coisas que eu não concordo. Por exemplo: aquilo que eu te falei, três horas da manhã estar num bar sozinha; fumar na rua. Porque ela tem que crescer, ela tem que se fortalecer. Fuma, mas num ambiente fechado. Saiba se trajar dependendo do local. Veio aqui esses dias a mulher dele com a roupa aqui. A minha filha falou: “Nossa!” Falei: “Para você ver, você que



frequenta a polícia e fórum, como tem que se trajar.” Aproveitei esse exemplo e pus ali. Vou fazer uma confissão de homem, e homem-homem. A princípio nenhum homem tem ideia de ser sincero com uma mulher, ou até honesto. Onde ele muda? Pelo comportamento da mulher. Então essa vai ser minha companheira; essa me preenche. Porque o homem, a princípio, são todos iguais. Não adianta você pensar nesse campo. Aí depende do quê? Da mulher. Por quê? Porque em lugar nenhum do mundo um homem pode obrigar a mulher a fazer alguma coisa que ela não queira. Só se ele for um monstro. Alguns monstros realmente têm, mas não pode. Não pode, não deve e não aceita. Agora, o binômio... Por isso que a cumplicidade só existe entre dois. E quando acaba? Quando a cumplicidade acaba? Quando um falece. Você não pode ser cúmplice de si mesma. Agora, é maravilhosa a cumplicidade; ela é emotiva, é atual, ela não fica para trás, ela caminha. Eu acho a cumplicidade maravilhosa e tem que ser exercida em toda a sua plenitude. E mais, se o lado do coração não funcionar, nada na vida vale. É uma molinha. E quando mexe com a fibra mais íntima do coração, aí é a plenitude. É por isso que eu volto ao espelho. A mulher sabe quando ela está bem. O espelho é mudo, não entrega você. Quando você saiu para rua, você já deixou ele no mesmo lugar. Ele não vai dizer como está a Aninha, como está o Sérgio, a minha outra jovem. Agora, não é que eu saiba mais que vocês ou dizer: “Não, é porque o senhor é experiente.” Não, não é nada disso. É porque determinados fatos aconteceram comigo antes. Então eu tenho o sabor deles – mal, regular, ótimo. E não tem coisa melhor que consolidar amizade. Esse livro é a história de cinquenta anos com um, quarenta com outro, trinta... Por quê? Porque uma amizade bem feita nunca acaba. Sanguíneos você não escolhe e às vezes tem decepções. Mas os amigos precisa escolher. Aqueles que têm mais afinidades, aqueles que nos momentos difíceis sabem te entender sem diminuí-la, sabem levantá-la. A vida é difícil.

AE: *Ok, doutor Geraldo. Muito obrigada.*

